

Apresentação

Introduction

Ana Penha Gabrecht

O cenário que se descortina na pós-modernidade é o de uma maior integração entre os vários campos do saber. Vemos, a cada dia, um crescente diálogo entre múltiplas áreas do conhecimento humano que, por muito tempo, se mantiveram isoladas. Isso também pode ser percebido no que se refere aos Estudos Clássicos que, cada vez mais, têm se beneficiado dessa conjuntura. O recurso a preceitos teóricos e metodológicos provenientes da História, Literatura, Arqueologia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura, Numismática, Epigrafia, dentre outros, tem contribuído de forma decisiva para um melhor conhecimento da Antiguidade por parte dos pesquisadores.

Destaca-se, em especial, a relação profícua entre História e Literatura para o desenvolvimento dos estudos sobre Grécia e Roma. O historiador, particularmente, é deveras beneficiado em sua associação com a Literatura. Ele deve estar ciente que as denominadas “fontes históricas” utilizadas em seu trabalho chegaram até o presente como *discurso* e *representação*. Isso quer dizer que são visões de mundo de um grupo ou indivíduo em particular. Sendo assim, o trabalho do historiador é *representar* o que já está *representado* e atribuir a essa visão novos significados (GRUNER, 2008, p. 10).

A renovação produzida na década de 1970 pelo movimento conhecido como *Nova História* encabeçado por Jacques Le Goff e Pierre Nora permitiu a reformulação da maneira como as fontes eram até então utilizadas pelos historiadores. Durante muito tempo a tradição positivista do século XIX fez os historiadores olharem para os documentos provenientes do passado como “prova” de alguma “verdade”. Atualmente as fontes são vistas como *monumento*, pois, segundo Jacques Le Goff (2003), seriam dotadas de um sentido próprio, devendo-se restituí-las ao seu contexto a fim de localizar seus modos de transmissão e sucessivas interpretações. Assim, os documentos

deixam de ser encarados como portadores do passado em si mesmos para ser encarados de acordo com suas condições de produção.

As fontes literárias também devem ser compreendidas dessa maneira pelo historiador. São obras de ficção, porém, exprimem a visão de mundo de um grupo específico – como a da nobreza, por exemplo – e, assim sendo, são instrumentos válidos para se alcançar a maneira pela qual os indivíduos compreendem o mundo à sua volta. Toda ficção está enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seu mundo de sonhos, utopias e desejos (FERREIRA, 2009, p. 67).

Nesse caso, a obra de Homero, mesmo tratando-se de poemas – e portanto, de ficção – pode ser um instrumento de compreensão do passado e uma importante ferramenta para o historiador. Hoje em dia, é consenso entre os pesquisadores que a *Ilíada* e a *Odisseia* são resultado de uma tradição oral que abarca vários séculos, remontando até mesmo ao século XV a. C. – época em que predominava a cultura micênica – até o século VIII a. C., período no qual, segundo alguns, sua forma final teria se cristalizado. Ao lermos os poemas, é possível perceber que as condições sociais, políticas e culturais desses vários períodos da História da Grécia neles representados.

O historiador interessado em Homero deve trabalhar em conjunto com a Literatura, pois isso lhe permitirá perceber que, em grande parte, essa miscelânea de elementos de várias épocas presente nos poemas faz parte da técnica de construção da epopeia, criando a sensação de um passado distante, heroico, em que os homens eram mais fortes, mais honrados e podiam se comunicar com os deuses.

A maioria dos especialistas em Homero, na atualidade (VAN WEES, 1992; RAAFLAUB, 1997; MORRIS, 2009), acredita que a descrição contida nos poemas da sociedade grega é suficientemente consistente para ser interpretada como expressão da época em que tomaram sua forma definitiva. Apesar dos arcaísmos, anacronismos, exageros e contradições contidos nas epopeias homéricas, a representação das estruturas sociais é capaz de revelar uma sociedade histórica. Devido às incoerências nas epopeias, alguns historiadores ainda desconfiam da pertinência da obra de Homero para um estudo histórico. No entanto, o historiador deve estar atento para o fato de que essas são peculiaridades do gênero épico, são elas que conferem uma aura fantástica ao poema. É preciso levar em consideração que toda obra artística segue convenções estéticas que permitem uma identificação por parte de sua audiência. Ela

não é independente da cultura de sua própria época – por mais inovadora que pareça ser –, mas está submetida às injunções da sociedade que a produziu.

O dossiê intitulado *Homero entre a História e a Literatura*, nesse segundo número de *Romanitas*, agrega um conjunto de textos que exprimem as novas perspectivas de estudo das obras do poeta grego. As discussões travadas neste espaço demonstram que a interação entre as várias áreas do conhecimento humano, tais como a História, a Literatura, a Arqueologia só tem a contribuir para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos. Além disso, esse número também conta com uma coletânea de artigos, resenhas e uma entrevista com pesquisadores que têm ajudado a desenvolver a pesquisa em Antiguidade greco-romana no Brasil.

Referências

- FERREIRA, A. C. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo, 2009.
- GRUNER, C. Introdução. In: GRUNER, C.; DeNIPOTI, C. (Org.). *Nas tramas da ficção: História, Literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê, 2008.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- MORRIS, I. The eighth-century revolution. In: RAAFLAUB, K. A.; VAN WEES, H. (Ed.). *A Companion to Archaic Greece*. Oxford: Blackwell, 2009, p. 64-80.
- RAAFLAUB, K. A. Homeric society. In: MORRIS, I.; POWELL, B. (Ed.). *A New Companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997, p. 624-648.
- VAN WEES, H. *Status Warriors: war, violence and society in Homer and History*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1992.